

A LINGUAGEM E A PAISAGEM NA TRIÁDE DO RIO DA POÉTICA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Jose Elias Pinheiro Neto

Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (CAC), Professor do Curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás - Itapuranga. E-mail: joseeliaspinheiro@hotmail.com

Adriane Coelho Proença

Licenciada em Letras (Português/Inglês) pela UEG - Itapuranga. E-mail: dricaproenca@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho propõe uma representação da paisagem geográfica que faz parte do processo de formação da identidade brasileira e a literatura foi um veículo que concretizou tal concepção, a partir de um estudo da poética de João Cabral de Melo Neto, abordando os poemas: O CÃO SEM PLUMAS, O RIO e MORTE E VIDA SEVERINA, neles a paisagem e a água se destacam na linguagem como uma luta de corpo a corpo, paisagem torturada, galhos retorcidos como mãos que suplicam, são provocados pela escrita refinada e pela poética que retrata a degradação do Rio Capibaribe, um dos símbolos mais importantes da cidade de Recife (PE). Discute a paisagem e questões relacionadas aos aspectos individuais e sociais do ser humano. Nessas obras, a poética construída traduz a experiência adquirida do homem ribeirinho com o meio ambiente. Adota a linguagem prosaica como signo metafórico para dar voz ao rio, imprime a concretude e a realidade ao homem. Buscamos vincular através do estudo dos poemas os aspectos da paisagem, as imagens propostas e pretendemos ainda uma relação com a água e a frenética busca do homem nordestino por uma qualidade de vida. O artigo trata-se de um estudo de revisão bibliográfica em que se tem como referencial teórico autores como: Vesentini e Vlach (2002); Marandola e Mota (2007); Rocha (2011); entre outros. Esses trabalhos reforçam o interesse em estudar obras literárias, analisando-as a partir de um viés geográfico.

Palavras-chave: Poesia; Água; Geografia; Literatura.

THE LANGUAGE AND LANDSCAPE IN THE TRIAD RIVER OF THE POETRY OF JOÃO CABRAL DE MELO NETO

ABSTRACT: This paper proposes a representation of the geographical landscape that is part of the formation of Brazilian identity process and the literature was a way that materialize this conception, from a study of João Cabral de Melo Neto poetry, approaching the poems: O CÃO SEM PLUMAS, O RIO and MORTE E VIDA SEVERINA, in them the landscape and water stand out in the language as a scuffle fight, tortured landscape, twisted branches as hands beg are

caused by refined poetic writing and by portraying the degradation of Capibaribe River, one of the most important symbols of the city of Recife (PE), discusses the landscape and issues related to individual and social aspects of being human. In these poems, the poetic built reflects the experience of the riparian man with environment. It adopts the prosaic language as metaphorical sign to give voice to the river, prints the concreteness and reality in the man. We seek to link through the study of the poems the landscape aspects, images described and still a relationship with water and the frantic search for northeastern man for quality of life. The article is in a bibliographic review in which it has the theoretical referential as authors: Vesentini and Vlach (2002); Marandola and Mota (2007); Rocha (2011), among others. These studies reinforce the interest in studying literary papers analyzing them from a geographical way.

Key-words: Poetry; Water; Geography; Literature.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe um estudo bibliográfico da poética de João Cabral de Melo Neto, abordando alguns de seus poemas, dentre os quais podemos destacar: O CÃO SEM PLUMAS, O RIO e MORTE E VIDA SEVERINA, o contrapor entre morte/vida e água/seca desenharam a luta do homem nordestino. Mostraremos abordagens teóricas sobre a literatura brasileira e aspectos de como entendemos a paisagem nessa estrutura poética. Para tanto, estudar a paisagem enquanto fenômeno e objeto de estudo em diversas áreas de conhecimento da Geografia como também na representação literária. Com recortes teóricos da literatura brasileira direcionada a poemas e conceitos básicos da paisagem, esta que passou por várias transformações em diferentes épocas, com atores diversos, em especial na construção da poesia.

A ferramenta utilizada para a realização da pesquisa é a de cunho teórico. As técnicas materiais a serem seguidas serão as bibliografias que fazem uma revisão teórica sobre o assunto proposto. Assim, contrapô-lo em face da leitura dos poemas, no intuito de identificar o que foi construído concretamente pelo poeta. Uma vez que no processo fenomenológico a realidade não é única e pode, de várias formas, ser interpretada de acordo com a visão do leitor. Neste caso, a construção do conhecimento é dada primordialmente pelo sujeito/ator. O instrumento de coleta para a pesquisa é a compilação de obras da Geografia Cultural, e também, outras que revisam o problema social do retirante nordestino no encontro com a morte e a percepção da paisagem, que veremos a seguir.

A paisagem na literatura brasileira teve grande importância no Período Colonial para a estabilização da literatura nacional, principalmente com a Carta de Pero Vaz de Caminha que

enfoca a paisagem brasileira. Este trabalho pretende abarcar uma real contribuição dessa categoria no espaço geográfico por intermédio da literatura, fazendo menção do seguinte argumento ‘paisagem: ficção ou realidade’, com o intuito de estabelecer relações ou possíveis diferenças entre estes dois campos distintos.

Mostrando que nos poemas acima citados tanto o homem quanto o rio tornam-se a mesma coisa, pois suas respectivas ‘naturezas’ aproximam-se e há uma fusão entre os dois. Nesse processo mimético há a necessidade de enfatizar a poética de concretude construída por João Cabral de Melo Neto. Ele é considerado um poeta do concreto, em suas poesias é visível caráter de realidade. O poeta se utiliza da água do Rio Capibaribe para expressar a vivência do povo nordestino, buscando nelas inspiração para demonstrar a realidade do povo sertanejo. Este rio que apreende no seu percurso restos de uma população embebida de sofrimento devido às diferenças sociais e naturais pela a seca do rio.

O escritor constrói suas poesias baseadas na realidade. Surge o questionamento: ‘o poeta retrata a vida real do sertanejo ou a ficção apresenta características da realidade?’. As questões trabalhadas nesta pesquisa retratam a densidade da sua força poética. Conhecidas como o tríptico do rio, os poemas carregam como temática principal a função do Rio Capibaribe na vida da população nordestina. Apresenta a paisagem literária que é desenhada pela própria água e pela população que vive a margem dela. Finalmente, apresenta as impressões das imagens ‘construídas’ pelo poeta e as percepções pelo leitor, porque o poeta se utiliza de uma linguagem literária na qual identifica uma realidade concreta e ao mesmo tempo mimética que desenha o sertão nordestino.

1.1 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE PAISAGEM

Neste tópico apresentaremos abordagens teóricas sobre a literatura brasileira e seus aspectos formadores da paisagem dentro de uma estrutura poética. Também a paisagem enquanto instrumento fundamental em outras áreas de estudo, como a Geografia, e como formadora de uma representação literária. Vale lembrar que a Geografia não tem mais como objeto de estudo unicamente a paisagem física, como cita Marina e Rigolin, ensinando que “há muito tempo a geografia deixou de ser uma “ciência que descreve as paisagens” e passou a se preocupar em

explicar a rede de relações que ocorrem no espaço geográfico e que compõem a paisagem.” (2002, p. 188). Como explicam os pesquisadores, a Geografia passa a verificar as possíveis relações existentes entre o espaço e o homem, procurando desvendar as ligações sociais e naturais que compreendem o espaço.

Para Santos a paisagem é “[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (1988, p. 21). Não somente ‘vemos’ a paisagem, levamos em consideração os vários fatores que estão intrínsecos a ela, quais sejam: as cores que lhe dão forma e aparência, os sons que aguçam nossos sentidos, os possíveis movimentos, entre outros. Nesse sentido, é importante salientar que o espaço é formado por inúmeras paisagens, tudo ao nosso redor apresenta formas, cores, sons, odores, movimentos, permitindo inspirações e em especial ao ramo das artes literárias.

Ainda de acordo com Santos (1988), podemos considerar o fato de que a paisagem está constituída por elementos naturais e artificiais, o homem muda e transforma seu espaço a cada momento, surgindo várias formas e ambientes diferentes formados pelas ações humanas que podem se tornar objeto das representações literárias. Interessante notarmos que o espaço geográfico em que atuam os seres humanos é um ambiente que permite ser alterado e modificado e a cada mudança o homem também está se modificando, cada geração sente a necessidade de transformá-lo para seu uso. Como escrevem Marina e Rigolin:

O espaço geográfico está sempre em transformação. Em algumas ocasiões a própria natureza [...] encarrega-se de fazer as modificações. Mas, o homem, desde os tempos mais remotos, é o principal responsável pelas alterações do espaço. Por isso, o espaço reflete as diferentes épocas em que sofreu as várias intervenções humanas. Cada povo imprime em seu território a sua forma própria de se relacionar com o meio ambiente (2002, p.187).

O espaço está em constante mudança, tanto pelas mãos do homem como também pela própria natureza. Somos os principais mediadores dessas transformações, há uma busca incansável por novos ambientes. É possível observar que: “A inovação traz a modificação da paisagem” (SANTOS, 1988, p. 24). As inovações humanas permitem que a paisagem ‘natural’ seja modificada, trazendo aos seres humanos vicissitudes e prestígios. Os construtores são

reconhecidos e surge uma paisagem pitoresca que foge do original, dando nova origem. O homem literário moderno tem se dedicado a descrever o que existe de mais interessante no seu espaço, não só as inovações feitas pelo ser humano, mas também a realidade natural, a fauna, a flora, o relevo e em especial as águas que são os elementos essenciais para a permanência humana na terra.

Nas paisagens estão introduzidos elementos físicos, sociais e culturais que permitem ao homem a construção de novas imagens, assim como a recriação do espaço vivido. Referenciamos uma paisagem artificial que podemos dizer aquela ‘remodelada’ pelo homem, ele é responsável pelas transformações através dos tempos. Como escreve Santos “a paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não foi mudada pelo esforço humano” (1988, p. 23). Ela é a ‘construída’ pelo ser humano, sendo resultado de suas atividades, seus planejamentos. Vale lembrar que a “paisagem natural, ou meio natural, é o conjunto formado pelos elementos mais importantes da natureza para a vida humana [...]” (VESENTINI; VLACH, 2002, p. 34). São essas características físicas terrestres o objeto de inspiração humana, transformando o paisagístico em obra de arte, em especial nas mãos dos autores literários que fazem desses elementos grandes criações e dão ‘vida’ aos recursos visíveis.

Por outro lado, é necessário destacar que: “transformando o meio natural, o homem transforma a si mesmo” (MOREIRA, 2007, p. 65). À medida que a sociedade altera o espaço, a maneira de pensar e agir do homem muda com ele, sofrendo influências de diferentes fatores porque dependem do seu interesse, quando fazemos uma análise geográfica, por exemplo, da “[...] organização social do espaço a relação sociedade/natureza se faz através do trabalho que, por ser um ato social, leva a transformações territoriais para a construção de espaços diferenciados conforme os interesses da produção no momento.” (ALMEIDA; PASSINI, 2000, p. 12). Compreendemos que o espaço pode ser resultado do trabalho humano e constrói a formação da cultura na identidade de um povo.

No momento em que cresce essa efetiva participação humana, aumenta também o “[...] desenvolvimento tecnológico alcançado pelo homem e às suas intervenções no meio natural, a maioria das paisagens terrestres encontra-se profundamente modificada” (MARINA; RIGOLIN, 2002, p. 188). A real mudança do natural se dá pela participação humana na natureza,

transformando o espaço natural em recursos, em produto. Essa alteração é social e está diretamente ligada na construção histórica de uma sociedade, por exemplo, “o território nacional converte-se, portanto, em algo mais que uma simples área geográfica mais ou menos delimitada. Converte-se no território histórico, distintivo, com uma identidade ligada à memória, e uma memória acorrentada à terra.” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 231). Ganha uma identidade histórica que carregam os traços, costumes e a cultura de uma sociedade e que certamente servirá de inspiração para estudiosos e autores literários.

É importante ressaltar que: “[...] o termo paisagem é na verdade o resultado de uma transformação coletiva da natureza: nossa paisagem é em grande medida uma paisagem cultural, um produto social.” (FONT; RUFÍ, 2006, p. 225-226). Ela é ‘transformada’ como um instrumento para o homem que procura descrever e recriar traços de realidade através da arte literária. Ela possibilita o despertar do imaginário, uma vez que “[...] a representação visível de vários aspectos do espaço que chama-se paisagem (a porção do lugar que podemos ver)” (MARINA; RIGOLIN, 2002, p.188). Reflete as características do espaço da vida humana, por isso, permite que sua representação seja real ou fictícia, todas desembocando na representação da identidade social, como escrevem Font e Rufí,

A paisagem é na verdade a projeção cultural de uma sociedade em um espaço determinado. Neste sentido, a paisagem está cheia de lugares que encarnam a experiência e as aspirações das pessoas. São lugares que se convertem em centros de significado; símbolos que expressam sentimentos, ideias e várias emoções. Alguns deles evocam um sentimento marcado de pertencer a uma coletividade determinada, à qual outorgamos um símbolo de identidade (2006, p. 226).

Podemos constatar visivelmente que as ações humanas, num processo mimético, se transformam em arte. Aparentemente mostram a realidade de um povo com todos os seus costumes. Essa modificação proporciona ao literato grandes inquietações e surge uma ligação do poeta com o meio natural e social. É um assunto que abordaremos nos próximos momentos deste trabalho, em que trazemos um recorte da literatura, o estudo de poemas e conceitos básicos que tratam da paisagem literária.

1.2 PAISAGEM E LITERATURA

A análise histórica da representação da paisagem na literatura brasileira é muito importante para que haja maior compreensão do que ela significa para arte literária. A literatura no Brasil apresenta diversos estilos literários em diferentes épocas, em especial na construção da poesia. Por isso, a necessidade em focalizar alguns conceitos básicos da paisagem literária. Segundo Bosi: “foi a maturação das grandes nações modernas que condicionou toda a história cultural [...]” (1994, p. 11). Então, é possível dizer que o crescimento intelectual da sociedade aqui no Brasil foi realmente essencial, para que se formasse o desenvolvimento de uma história cultural que se transforma em arte literária. Pois a cultura é a chave para que a literatura se manifeste e ganhe vida, seja com fatos reais ou fictícios.

Candido coloca que “[...] a criação literária corresponde a certas necessidades de representação do mundo [...]” (2006, p. 65). A literatura se concretiza na arte dos autores por inspiração, e ele pode encontra-la na própria sociedade, fazendo uma representação de mundo, recriando imagens que expressam a realidade do povo com suas características e crenças. A paisagem faz parte da vida do homem e na nossa literatura “Os primeiros escritos da nossa vida documentam precisamente a instauração do processo: são informações que viajantes e missionários europeus colheram sobre a natureza e o homem brasileiro” (BOSI, 1994, p. 13). Já nos primeiros passos a literatura brasileira apresenta registros muito interessantes com características culturais do homem e da natureza brasileira.

Essas descrições vistas pelos primeiros literatos foram iniciativas interessantes que abriram espaços na com várias outras criações literárias que desenhavam o que se via. “É graças a essas tomadas diretas da paisagem, do índio e dos grupos sociais nascentes, que captamos as condições primitivas de uma cultura que só mais tarde poderia contar com o fenômeno da palavra-arte” (BOSI, 1994, p. 13). Expressam nesse contexto artístico relatos importantes da cultura social local. “[...] Entende-se que a natureza e o homem se constelassem na sua fantasia como quadros fenomênicos instáveis” (BOSI, 1994, p. 30). O homem e a natureza, no período barroco, formavam um grupo em que predominava a vontade do próprio homem sobre obras voltadas para a sua realidade. Ambos caminham com traços marcantes da cultura social. E no

arcadismo também o poeta toma liberdade para descrever aquilo que ‘vê’, em especial a maneira que o homem lida com o seu espaço.

O romantismo apresenta uma visão diferenciada para a poesia em que aponta tanto a sociedade como também a paisagem natural. Ele retrata a diversidade de cenários, o realismo também segue na mesma linha “[...] Na esfera da explicação do real, a certeza subjacente de um fado irreversível cristaliza-se no determinismo (da raça, do meio, do temperamento...)” (BOSI, 1994, p. 168). A poesia realista retrata a realidade cotidiana da sociedade tendo como foco o destino daqueles que são alvo da desigualdade social, aqueles que não tiveram oportunidade de crescerem financeiramente, as vítimas das injustiças sociais. Ela, por exemplo, mostra a real condição de vida do homem com relação ao seu espaço habitacional.

No simbolismo aprendemos com Bosi que “os poemas desse período têm a mesma cadência retórica que marcou a literatura meio condoreira, meio “realista” dos anos de 1970, saturada de ideais libertários” (1994, p. 268). Ela é semelhante a realista, a inspiração é dada a partir de ideais libertários da própria sociedade, voltada para a realidade natural, espiritual entre outros fatores que marcam o processo histórico da sociedade. Já no pré-modernismo, a poesia tem seu foco direcionado não só para o que é real, mas também para os hábitos e meios de vivência das pessoas, Bosi diz que: “poder-se-ia acusar um interesse pela terra diferente do revelado pelos naturalistas típicos, isto é, mais atento ao registro dos costumes e à verdade da fala rural” (1994, p. 306). A poesia pré-modernista tem uma visão diferenciada, com maior interesse nos costumes. Nasce uma nova maneira de fazer poesia, focando aquilo que o ser humano passa tanto social como economicamente.

“O tempo foi depois aproximando poetas radicados no Sul [...], como Bandeira e Mário de Andrade, dos nordestinos até se formar, na década de 30, um clima em que se fundiriam as conquistas do modernismo estético e o interesse pelas realidades regionais” (BOSI, 1994, p. 345). Os poetas começam a denunciar as irregularidades sociais através de seus textos. Nas tendências contemporâneas houve inovações porque saíram do modernismo com pensamentos reformulados, em especial pelas ideias do poeta Mário de Andrade. Segundo Bosi, quando fala sobre a poesia, ficção e crítica literária, diz que “[...] saíram inteiramente renovadas do modernismo. Mário de Andrade [...] viu bem a herança que este deixou: o direito permanente à pesquisa estética; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora

nacional” (1994, p. 383). Podemos observar que a herança deixada por Mário de Andrade foi realmente importante, ela concretiza uma nova maneira de trabalho dos poetas com a utilização de estilos diversos, tentando ao máximo elevar a criação artística focada nessas inovações.

Diante do que foi exposto, podemos extrair que a paisagem literária predomina no meio artístico poético, ela está em toda parte seja natural ou social e a poesia não deixa de apresentar os traços para a sua percepção. Tanto no Brasil como na Europa onde a partir da década de 1970 “[...] a paisagem passa a ser vista sob a perspectiva da semiologia, tornando-se um tipo de texto [...]. Há um comunicado social na paisagem que pode ser vista na sua textualidade e intertextualidade.” (MASCHIO, 2008, p. 7). A paisagem passa a ser vista de maneira diversa, não somente como um simples traço físico formador do espaço, mas também como um instrumento que proporciona criação artística na literatura e de várias outras áreas. Embora, haja na construção de obras literárias uma originalidade paisagística ou fictícia de representação, o que a torna diferente da anterior.

Interessante enfatizar que: “[...] a paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou se modifica para acolher uma nova atualidade, uma inovação. [...] A paisagem é sempre o passado, ainda que recente” (SANTOS, 1988, p. 26). Remete-nos a uma ideia ou a um momento, uma imagem que o autor ‘vê’ e faz dela uma história. Com passar do tempo, permite ser ‘recriada’ e apresenta traços inovadores. Faz parte de um momento passado em que fora e marcado pelas características impregnadas a ela. “A paisagem é sinal de pertencimento, de reconhecimento, de confirmação de identidades. Além disso, ela representa a identidade de uma região, de uma cultura” (MASCHIO 2008, p.16). A cultura de um povo influencia a paisagem, trata-se de uma representação literária. É nesse ponto que tocamos no próximo tópico, apresentando a paisagem na literatura.

1.3 PAISAGEM: FICÇÃO E REALIDADE

A criação literária pode buscar no real a sua inspiração, temas que permitem serem redesenhados. A Geografia também estuda a sociedade e sua configuração, Almeida afirma que: “vemos a Geografia como a ciência voltada para a análise da realidade social quanto à sua configuração espacial” (2000, p. 11). A criação literária se utiliza da realidade para descrever

mimeticamente as paisagens, elas indicam situações culturais do espaço humano. Quando mencionamos a presença da paisagem em uma obra literária podemos dizer que seja a representação da realidade cotidiana. “[...] Portanto a literatura é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos” (CANDIDO, 2006, p. 63). A paisagem enquanto representação literária pode ser projetada para da realidade, o autor escreve aquilo que ‘vê’ e sente da paisagem, de acordo com o momento.

Segundo Lajolo “a própria criação literária da utopia se nutre sempre de uma imaginação ancorada na realidade” (1990, p. 46). A realidade serve de inspiração para a criação de obras literárias; os autores buscam no real aquilo que de algum modo desperta curiosidade e chama sua atenção. Como enfatiza Candido: “a apreensão do mundo fictício é acompanhada de intensas tonalidades emocionais [...]” (2012, [s.p.]). Esse mundo que é formado e criado através da realidade, apresentando fenômenos que despertam a subjetividade do e no leitor. O autor que trabalha com construções ligadas ao mundo real e de certa forma incumbe no texto essa característica.

A paisagem pode ser descrita tanto na ficção como na realidade, como enfatiza Candido: “[...] a aparência da realidade não renega o seu caráter de aparência. Não se produzirá, “na verdadeira ficção”, a decepção da mentira ou da fraude” (2012, [s/p]). Quando se constrói uma obra literária as paisagens contidas no decorrer do texto podem ser pensadas a partir do real. Essa realidade se mostra, num processo mimético, não como mentira, está incumbida de dizer a verdade ficcional das paisagens que refletem significado e aparência que construiremos, na leitura, a imagem concreta. Santos (1988) coloca que com relação à construção e recriação da paisagem, formadora do espaço cotidiano do ser humano, ela é capaz de transmitir “sentido, aparência, forma”. Contudo: “[...] tanto a paisagem quanto o espaço resultam de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, um mosaico de relações, de formas e sentidos” (SANTOS, 1988, p. 21). A paisagem permite a visualização de significados, aparências, imagens que expressam a cultura de uma sociedade.

A linha que separa o que é realidade de ficção é tênue. A reconstrução da paisagem do cotidiano para a ficção adquire seu valor, uma importância além da demonstrada enquanto apenas como desenho, mas que se mostra no processo histórico formador de uma sociedade. Quando a

tratamos como criação literária somos capazes de construir novas sociedades. É um processo sistemático, “A paisagem não se cria de uma só vez, mas por acréscimos, substituições [...]. Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.” (SANTOS, 1988, p. 23). A paisagem transposta para a ficção é resultado de mudanças, criativas, são acrescentadas características e formas subjetivas do escritor, adquirem vida dentro da criação literária e seguem sem futuras intervenções daquele que a ‘escreveu’. São traços que indicam tempos, momentos, gerações.

Outro ponto que podemos observar é o fato de que às vezes essa transposição do cotidiano para a literatura é fixado e transcrito de maneira deformante, que segundo Candido: “O primeiro passo (que apesar de obvio deve ser assinalado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente [...]” (CANDIDO, 2006, p. 22). A atribuição exagerada de substituições e características subjetivas à paisagem desenhada pela criação artística pode mudar a relação anterior com a realidade, mesmo na busca pelo real existe uma possibilidade de perda da forma, na ficção isto pode acontecer. Como Candido acrescenta:

É precisamente – a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo irreal de suas camadas profundas, graças aos quase prejuízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase sensível deste mundo imaginário nas camadas exteriores (CANDIDO, 2012, [s.p.]).

Quando a ficção altera a forma ou muda uma dada situação da realidade, mostra a influência que o autor teve na criação literária, recriando um novo modelo. Contudo, ela garante na transmissão de características que identificam o real, novas imagens. Os seres irrealis inseridos ganham vida literária e se mostram ativos, concretos e são vitalizados e transmitem algum sentido ou aparência de realidade. Buscamos aqui algumas abordagens teóricas da paisagem e a influência que ela pode sofrer nas construções literárias. Com o objetivo, dentro da poética cabralina, abordar em alguns de seus poemas, a dualidade morte/vida e água/seca.

A poética cabralina apresenta características e apontamentos sociais, a expressão ‘cão sem plumas’ aparece para designar tanto o homem como o rio, “João Cabral de Melo Neto nunca

ocultou sua aversão a uma dada forma de compreensão da poesia, tão comum no imaginário social, como expressão de sentimentos em belas palavras” (QUEVEDO, 2011, p. 55). A ficção não é realidade, mas aproxima-se tanto que às vezes nos confunde. O poeta se utiliza do real para pintar um mundo histórico e social ao qual designa uma realidade concreta por meio de palavras poéticas. Abordamos na poética cabralina os aspectos íntimos da subjetividade poética como construção de um processo histórico, demonstrado através das imagens escritas pelo poeta.

2 ANÁLISES LITERÁRIAS CABRALINAS

Nas análises cabralinas, encontramos com poemas surpreendentes, é visível em seus textos a vontade de pintar sua terra, suas ‘pessoas’ e sua ‘cultura’. Existe mais do que uma simples descrição, há um processo visual, um desenho de tudo o que ele recria, num processo belo que aprofunda sua densidade poética. Segundo Bosi, “o convívio com a meseta castelhana “dos homens de pão escasso” e com a poesia ibérica medieval, a um tempo severa e pitoresca, acentuou em Cabral a tendência de apertar em versos breves e numa sintaxe incisiva o horizonte da vivência nordestina” (1994, p. 471). Seus poemas carregam em breves versos um marco, um acontecimento, uma realidade nordestina, as palavras dadas aos versos retratam pontos marcantes do viver nordestino. Pinto acrescenta que:

Apesar de a escritura de João Cabral de Melo Neto caminhar em direção a um enfoque universal, as estórias são tecidas com material regional e folclórico. Como se pode ver, *Morte e vida severina* exhibe na base de sua construção uma dose de oralidade e uma perspectiva teatral que foram buscadas na tradição do folclore pernambucano (2003, p. 6).

Podemos notar que no poema MORTE E VIDA SEVERINA, João Cabral de Melo Neto descreve não só o viver nordestino, mas um episódio muito interessante, apesar de todas as mazelas narradas por Severino, conta uma esperança de vida. Trata do nascimento de uma criança, percebendo que a vida também existe em meio a inúmeras mortes encontradas. Todo o poema é em forma de narração, com recursos teatrais aos quais indicam fazer parte do folclore pernambucano, o escritor leva também para esse poema uma tradição cultural do povo nordestino

que marca suas origens. Em um trecho Severino está conversando com José e uma mulher dá a notícia do nascimento do menino: “- Compadre José, compadre, / que na relva estais deitado: / conversais e não sabeis / que vosso filho é chegado? / [...] / Saltou para dentro da vida / ao dar o primeiro grito / e estais aí conversando / pois sabeis que ele é nascido.” (MELO NETO, 2012, p.27).

O poema retrata um auto de natal porque apesar de todos os sofrimentos uma vida surge, uma criança vem ao mundo como sinal de redentor, filho de José que é de Nazaré da Mata. É possível verificar o modo que o poeta constrói suas narrativas em versos, com a presença da temática ‘realidade’, no caso desse a peregrinação de Severino pelo Sertão em busca de melhor vida revela a cultura do povo nordestino, o autor é partícipe da descida, fez um estudo detalhado da geografia do rio, trabalha sua narrativa em versos curtos, como nos mostra Bosi:

Morte e Vida Severina, “auto de Natal pernambucano”, o seu poema longo mais equilibrado entre rigor formal e temática participante, conta o roteiro de Severino, um homem do Agreste que vai em demanda do litoral e topa em cada parada com a morte, presença anônima e coletiva, até que no último pouso lhe chega a nova do nascimento de um menino, signo de que algo resiste à constante negação da existência (1994, p.471).

O poema tem como temática principal mostrar as dificuldades e as mazelas do povo nordestino, o personagem principal Severino é quem relata essa realidade, ele chega ter insegurança de não encontrar meios de sobrevivência naquelas terras, mas quando menos se espera, depara com um nascimento do menino, um ser que veio ao mundo mesmo com a plena negação da vida. Marques enfatiza, sobre as cenas de agruras e de agrestes que trata de um confronto de Severino com a “[...] realidade que o seu próprio nome espelha: essa condição de severidade inerente a todo o nordestino. Mais do que uma mera finalidade didática, este auto de natal funciona como crítica contundente e incisiva ao veículo precário do retirante.” (2010, p. 2). É com a peregrinação de Severino que se percebe e desenha a realidade do povo, que luta por mais um dia, mesmo que seja ‘severino’.

Este auto de natal não aparece como redenção, mas traz expectativas positivas para aquele povo, essa vida que se faz significa que mesmo diante de tanta miséria é possível viver e lutar. As análises literárias cabralinas permitem visualização de uma temática rigorosa e real, em

outros poemas dele podemos perceber isso, como no caso de O CÃO SEM PLUMAS e O RIO, que desenham um nordeste com pouca água e a maneira que os ribeirinhos vivem. De acordo com Lima: “Há uma denúncia da miséria nordestina. *O cão sem plumas* é um rio impiedoso que assalta artéria por artéria a cidade do Recife na sua parte mais baixa. Um rio que foi alegre em alguma parte agora é água madura, lodo, estagnação, sujeira.” (1983, p. 3).

A temática central do poema é denotar a questão da falta de oportunidade de vida melhor para os nordestinos, o rio está em ‘processo falência’ desde a sua nascente até a foz, carrega apenas sujeira e o pouco de água que resta se mistura à lama, no trecho seguinte podemos constatar essa afirmação: “Na paisagem do rio / difícil é saber / onde começa o rio; / onde a lama começa do rio; / onde a terra / começa da lama; / onde o homem, / onde a pele / começa da lama; / onde começa o homem” (MELO NETO, 2003, p. 49).

Podemos perceber a questão do homem e o rio serem confundidos, ambos refletem a realidade do Sertão nordestino. Os dois passam pelo mesmo problema. Em O RIO, João Cabral de Melo Neto retrata a real condição natural do Rio Capibaribe, em que as questões regionais são expostas com intensidade poética. A temática é voltada para a desigualdade, as águas e a exclusão do povo ribeirinho. Segundo Lima: “[...] O Rio (1953), onde se intensifica a identidade do poeta com o drama da região. [...] A linguagem fluente, horizontal do poema tem algo de representativo do próprio rio em correnteza” (1983, p. 4). Desenha o percurso angustiado do rio que carrega restos se sujeira, lama e as dificuldades do ribeirinho. Nos trechos abaixo constatamos o drama que o poeta relata pela percepção do rio em seu discurso:

Desde tudo que lembro, / lembro-me bem de que baixava / entre terras de sede / que das margens me vigiavam. / Rio menino, eu temia / aquela grande sede de palha, / grande sede sem fundo / que as águas meninas cobiçava. / Por isso é que ao descer / caminho de pedras eu buscava, / que não leito de areia / com suas bocas multiplicadas. / Leito de pedra abaixo / rio menino eu saltava. / [...] / Para o mar vou descendo / por essa estrada da ribeira. / A terra vou deixando / de minha infância primeira. / Vou deixando uma terra / reduzida à sua areia, / terra onde as coisas vivem / a natureza da pedra (MELO NETO, 2003, p. 57-59).

O rio está em desespero, com poucas águas e a imagem nordestina lhe chama atenção pelo fato de um dia ter visto essa imagem totalmente diferente do que vê agora. Fala da lembrança que tem dos dias em que suas águas eram limpas e em grande quantidade. Hoje o que

carrega é só tristeza, pouquíssimas águas sujas e a imagem que vê é de pedra. Como afirma Lima: “no entanto, não é a voz do poeta que se ouve, é a voz do rio contando histórias de ribeirinhos em linguagem popular. Pois a voz do povo fica impressa na lâmina do rio.” (1983, p. 4). O Rio Capibaribe conta o drama de seu percurso, não se é possível mais executá-lo completamente e a população ribeirinha sofre com esse problema. Contudo, vale ressaltar que “João Cabral dizia que não escrevia com o intento de fazer propaganda política ou denúncia social. O que ele quis foi apenas falar sobre sua realidade, sobre sua terra natal, seu lugar, elementos de sua memória.” (MARANDOLA; MOTA, 2007, p. 17).

O intuito de João Cabral de Melo Neto é retratar a realidade da região nordestina, como também expor, por exemplo, nos poemas O CÃO SEM PLUMAS, O RIO e MORTE E VIDA SEVERINA, a questão do subdesenvolvimento que há na região, as condições em que as pessoas vivem a exclusão do povo ribeirinho pelo próprio rio que tenta a cada dia cumprir seu percurso e a sociedade recifense. Sobre a temática escolhida pelo poeta, contundente e precisa, Nogueira (2010) explica que no auto de natal pernambucano existe uma alegoria da miséria, fazendo assim uma crítica ao sistema capitalista como uma reificação que aliena o homem/Severino no Nordeste brasileiro. Não foi objetivo do poeta, trazer a tona uma mensagem messiânica, mas se “[...] trata de chamar a atenção da sociedade para a situação em que vive grande número da população que nasce diariamente nos alagados do Recife, condenados a uma existência dentro de uma estratificação social rígida que não lhes oferta muitas possibilidades de ascensão.” (2010, p.41).

O poema MORTE E VIDA SEVERINA se refaz em uma análise literária cabralina como uma crítica social e ambiental, o autor mostra, através do nascimento de uma criança, que naquela localidade nascem várias outras em meio às desigualdades sociais e que estão sujeitas a viverem todos uma vida severina. A seguir mencionamos que esses poemas carregam como temática principal a função do Rio Capibaribe na vida da população pernambucana.

2.1 O TRÍPTICO DO RIO

O poeta João Cabral de Melo Neto escreve: O CÃO SEM PLUMAS, O RIO e MORTE E VIDA SEVERINA que representam o tríptico do rio, tendo como temática o Rio Capibaribe que, além de outros locais, corta a cidade do Recife no Nordeste. Segundo Vernieri (2002, p. 83):

“Após *O rio*, em 1956, é publicado [...]. *Morte e Vida Severina* [...] O texto compõe junto como *O rio e O cão sem plumas* aquilo que designou a chamar de Tríptico do Capibaribe [...]”. Esse termo aparece porque os poemas representam concretamente o homem e a localidade nordestina com seus costumes, traços culturais e paisagens. “O percurso do rio severino mostra-se assim como um cinema, um filme espesso, e o tríptico do rio reflete esta característica” (MARANDOLA; MOTA, 2007, p. 123).

O Rio Capibaribe é parte integrante desses poemas e relata as imagens do Sertão, Agreste e Zona da Mata. Desempenha a função de descrever e apontar a realidade de uma localidade sofredora com a miséria, a fome e a seca. Marandola e Mota ainda escrevem que “O rio flui entre a paisagem. Porém, o rio é espesso, pois carrega os dejetos da cidade. E não apenas por esgotos e sujeiras de todo o tipo, mas a própria fome o faz um rio espesso, a paisagem do rio em Recife é toda espessa.” (2007, p.107). Podemos perceber nos poemas a íntima ligação do homem nordestino com o rio, neles estão impressas as imagens de desigualdade social que assolam o Sertão e alguns pontos da cidade do Recife. O Rio Capibaribe está grosso de tanta sujeira, por isso, tem tanta dificuldade de chegar ao seu objetivo final e muita gente espera que ele consiga, percebemos nos trechos do poema O RIO:

Conheço toda a gente / que deságua nestes alagados. / Não estão no nível de cais, / vivem no nível da lama e do pântano. / Gente de olho perdido / olhando-me sempre passar / como se eu fosse trem / ou carro de viajar. / É gente que assim me olha / desde o sertão do Jacarará; / gente que sempre me olha / como se, de tanto me olhar, / eu pudesse o milagre / de, num dia ainda por chegar, / levar todos comigo, / retirantes para o mar (MELO NETO, 2003, p. 70).

O Rio Capibaribe conhece a população ribeirinha que dele precisa para viver um pouco mais, como o seu percurso quase se interrompe devido a carregar consigo lama e muita sujeira, essa gente fica presa à miséria e espera do próprio rio uma solução. Os ribeirinhos têm nele uma esperança, um milagre, que um dia volte a oferecer água limpa e saudável. Ele é no Sertão fraco e intermitente, contudo ainda sustenta alguma vida e quanto ao rio do mangue “[...] é espesso e que recolhe toda a sujeira em suas densas e profundas águas: devora a vida convertendo-a em morte. No Sertão a morte é ainda mais forte, onde nem mesmo os rios conseguem seguir regularmente seu curso, faltando-lhes o sangue nas veias.” (MARANDOLA; MOTA, 2007, p. 104). No poema

O CÃO SEM PLUMAS é possível encontrar pontos que indicam a realidade do homem e do rio em relação à condição sub-humana: “Na água do rio, / lentamente, / se vão perdendo / em lama; numa lama / que pouco a pouco / ganha os gestos de defuntos / da lama; / o sangue de goma, / o olho paralítico / da lama.” (MELO NETO, 2003, p. 48).

Oliveira afirma: “Torna-se evidente que o molde descritivo *O cão sem plumas* ecoa por toda a poética regional do período, anulando as fronteiras entre terra e água, transmudada em lama, de onde nasce o “homem-anfíbio.”” (2008, p. 46). O Rio Capibaribe representa, nesse poema, a transmutação do próprio homem nordestino em homem-anfíbio que de certa forma é obrigado a viver diante de tanta miséria, a buscar na lama o único recurso que tem para viver. O rio retrata a imagem da dura realidade que imprime as características dos ‘severinos’ que sofrem com a seca. Com relação ao tema do rio no poema MORTE E VIDA SEVERINA, quando Severino chega ao Recife percebe que o povo passa por dificuldades semelhantes as que foram por ele vividas no início de seu périplo:

- Não têm onde trabalhar / e muito menos onde morar. / - E da maneira em que está / Não vão ter onde se enterrar. / [...] / Essa gente do Sertão / que desce para o litoral, sem razão, / fica vivendo no meio da lama, / comendo os siris que apanha / pois bem: quando sua morte chega, / temos que enterrá-la em terra seca. / - Na verdade, seria mais rápido / e também muito mais barato / que os sacudissem de qualquer ponte / dentro do rio e da morte. / - O rio daria a mortalha / e até um macio caixão de água / e também o acompanhamento / que levaria com passo lento / o defunto ao enterro final / a ser feito no mar de sal (MELO NETO, 2012, p.22).

As pessoas que vão em direção ao litoral tentam buscar uma vida melhor, o que encontram é só a miséria e fome, o rio que corta a cidade do Recife também sofre. Severino veio representar aqueles outros ‘Severinos’ que vivem perto do rio e convivem com muita lama, tendo apenas os siris para comer, não têm como trabalhar e muito menos morrer, pois nem local têm para enterrá-los. O caráter do rio é determinado pelo homem como afirmam Marandola e Mota: “o Capibaribe é lento, pesado e escuro, não somente pela dor do homem que com ele caminha ou habita suas margens. O caráter do rio é determinado também pelo caráter do homem” (2007, p. 109). Como o homem depende do rio para viver e espera dele uma solução, o Rio Capibaribe da mesma forma espera do homem uma iniciativa, carrega consigo os detritos, a imagem projetada

vai além do que vemos nas águas, ela também é definida pela ausência, por tudo aquilo que o rio não tem.

João Cabral de Melo Neto usa artifícios que carregam para seus poemas uma realidade indissociável entre o homem e o rio porque ambos se assemelham na mesma luta, a sobrevivência é a palavra certa a se usar. E também na vida severina, uma morte em vida sem o que comer, o que usar e até mesmo o que beber porque a água está quase extinta. No próximo tópico enfocaremos a paisagem existente nos três poemas: O CÃO SEM PLUMAS, O RIO e MORTE E VIDA SEVERINA, essas imagens são desenhadas pelo próprio Rio Capibaribe e pela população que vive à margem dele.

2.2 A PAISAGEM LITERÁRIA EM JOÃO CABRAL DE MELO NETO

Um ponto muito interessante e de destaque é a paisagem literária em João Cabral de Melo Neto nos poemas do tríptico. O rio em seu percurso retrata, desenha a vida e alimenta a paisagem. Em MORTE E VIDA SEVERINA a luta pela vida se constitui quando Severino percebe que o Capibaribe está sofrendo com a seca, as cenas de desgraça não são motivos suficientes para que este retirante se entregue ao acaso, prossegue seu percurso com esperança de encontrar vida e não somente morte. Em O CÃO SEM PLUMAS é retratada a vivência do homem nordestino que tenta fugir da estação de seca e da miséria, percorrendo o Sertão. Pinto (2003) afirma que a paisagem descrita se resulta em imagem regional e universal em que aparece uma “escritura fortemente voltada para a captação da realidade social e humana, os poemas em questão recriam paisagens dessublimadas, dão a ver um espaço depurado de imagens idealizadas, resultando o texto poético numa mescla de esferas que abarca o regional e o universal.” (PINTO, 2003, p.2).

O poeta, através da construção paisagística do homem nordestino, incorpora uma análise geográfico/literária, levando em consideração alguns pontos políticos, econômicos e sociais. A paisagem descrita nos poemas transcreve um espaço real, que por meio da criação imaginária representa toda uma sociedade, onde o rio se verbaliza para mostrar sua real condição, tanto humana quanto ambiental. Como coloca Júnior: “Os rios tem a existência fugidia das estações chuvosas, são rios sem discurso, de águas quebradas em pedaços, de águas paráliticas, em

situação de povo, rios que não comunicam rios e estancados” (2012, p. 7). Notamos que há semelhança nos três poemas, eles apresentam o rio como principal ponto de reflexão, onde mostram a imagem de um povo e de uma natureza que sofre com as desigualdades.

O poeta personifica o rio, focando pontos que nos levam a acreditar num espaço de identidade que permeia, em meio à miséria e a precariedade natural, a luta pela vida “Ao falarmos na região nordeste logo nos vêm à mente algumas paisagens. A construção da ideia do Nordeste, da identidade nordestina [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 1). Em “*O Rio*, as paisagens pernambucanas desfilam pelo poema como em uma aula de Geografia: o Sertão, os afluentes, os canaviais, a Zona da Mata, o Recife” (MARANDOLA; MOTA, 2007, p. 99). Nesse poema João Cabral de Melo Neto mostra a imagem pernambucana, a realidade do povo sertanejo impressa na condição de vida do rio, porque os ribeirinhos dependem dele, a condição da terra do Sertão entre outros espaços que ele abrange. Em trecho do poema O RIO, podemos perceber:

E vi todas as mortes / em que esta gente vivia: / vi a morte por crime, / pingando a hora na vigia; / a morte por desastre, / com seus gumes tão precisos, / como um braço se corta, / cortar bem rente muita vida; / vi a morte por febre, / precedida de seu assovio. / Consumir toda a carne / com um fogo que por dentro é frio. / Ali não é a morte / de planta que seca, ou de rio: / é morte que apodrece, / ali natural, pelo visto (MELO NETO, 2003, p. 65).

O Rio Capibaribe descreve o seu percurso como também ressalta a paisagem que sente ao passar pelo Sertão nordestino, relata as mortes que ‘vê’ devido aos vários problemas e diferenças sociais porque ali a vida é severina. Em O CÃO SEM PLUMAS a temática central não é diferente, são descritas as mesmas paisagens nordestinas: “O poema apresenta uma descrição da paisagem do rio de acordo com a percepção do autor. O Capibaribe é um cão sem plumas, ou seja, sem adornos” (MARANDOLA; MOTA, 2007, p. 98). Essa paisagem é descrita metaforicamente porque João Cabral de Melo Neto usa palavras que personificam a realidade do homem e do rio nordestino. O CÃO SEM PLUMAS refere-se ao homem e ao rio que se fundem em uma única pessoa em termos de desigualdades sociais e naturais. Em trecho do poema percebemos: “Aquele rio / é espesso / como o real mais espesso. / Espesso / por sua paisagem espessa, / onde a fome / estende seus batalhões de secretas / e íntimas formigas.” (MELO NETO, 2003, p. 55). O poeta escreve sobre a busca pela sobrevivência do homem e do rio, a vida deles se

assemelham, um depende do outro, os dois sofrem com a seca, com a fome. Vernieri fala do paisagístico descrito pelo poeta em O CÃO SEM PLUMAS:

Na primeira parte, Paisagem I, o poeta descreve o fechamento, a estagnação, a podridão de um rio que, absurdamente, é representado nos mapas em uma cor azul. Deste Capibaribe lodoso, vagaroso, brotará na Paisagem II, um homem-barro Rio e homem se confundirão em um amálgama, serão um só cão sem plumas. Natureza e humanidade integradas e identificadas pela carência, pela fragilidade. Duas paisagens que se fazem uma, um só homem transformado em todos (2002, p. 34).

No poema aparece uma imagem de estagnação do Rio Capibaribe, existem lamaçais e sujeira, mostra a transmutação do homem/rio em decorrência das condições e semelhanças de sobrevivência. Nestas descrições aparece uma paisagem de sofrimento, de agruras, de miséria, de seca, de fome e devastação. Em MORTE E VIDA SEVERINA é possível sentirmos várias paisagens. Severino sai em peregrinação na busca por melhorias e o que encontra são mortes, tristezas, sequidão e a terra castigada pelo sol, são muitas imagens narradas nos versos do poema, ressaltamos um trecho que indica a presença do paisagístico:

Penso agora: mas por que / parar aqui eu não podia / e como Capibaribe / interromper minha linha? / ao menos até que as águas / de uma próxima invernia / me levem direto ao mar / ao refazer sua rotina? / Na verdade, por uns tempos, / parar aqui eu bem podia / e retomar a viagem / quando vencesse a fadiga. / Ou será que aqui cortando / agora minha descida / já não poderei seguir / nunca mais em minha vida? / (será que a água destes poços / é toda aqui consumida / pelas roças, pelos bichos, / pelo sol com suas línguas? / será que quando chegar / o rio da nova invernia / um resto de água no antigo / sobrarão poços ainda?) (MELO NETO, 2012, p. 8).

As paisagens que podemos notar com o trecho do poema são: de seca, a imagem árdua do sol no rosto do retirante, a fadiga por não encontrar o caminho certo, a paisagem petrificada pelo sol, apenas os poços com pouca água. Como comenta Bispo, ao falar de uma condição sem alternativa, de uma voz que ecoa, tentando “[...] inutilmente, desviar-se em sua “peregrinação” rumo ao litoral pernambucano carregando o seu pertencimento de vida Severina como *destino*, o que evidencia o quanto ele é vítima do sistema social, e não, apenas, do geográfico como insistem alguns.” (2009, p. 192). Severino não se entrega, sempre com a esperança de encontrar melhores

dias, mesmo com a vida severina. O que Severino tenta é estender sua miserável condição de vida um pouco mais, porque como relata, em outra parte do poema sobre sua gente, são todos ‘Severinos’ iguais em tudo: “Somos muitos Severinos / iguais em tudo na vida: /na mesma cabeça grande/ que a custo é que se equilibra [...]” (MELO NETO, 2003, p. 1). Ele sente que sua vida é severina como todos aqueles que nascem no Sertão. Albuquerque Júnior observa que:

Como toda paisagem, a “paisagem nordestina é uma criação narrativa, uma criação da e na linguagem, é espaço que se conta mais do que se vê, é espaço que se mostra mais do que se crê, é um espaço que se sente mais do que se pensa”, é um conjunto de signos que se articulam em torno de uma imagem-força. Esta imagem para o Nordeste é a seca, temática que emergiu como nosso problema, desde o final do século XIX (2003, p. 7).

A paisagem que cerca os poemas são criações literárias que não só descrevem o Sertão nordestino como articulam, em seus versos, um processo histórico com imagens que se desenham no leitor. Afim de que ele possa refletir sobre a problemática que emerge naquele local. De uma paisagem que está condicionada pelo sol ou pelas aves de rapina que vivem da morte “[...] onde estão os solos inerentes em que se cultiva apenas o que é sinônimo de míngua. Paisagem que mata muitos, mas enriquece a poucos. Paisagem fixa, petrificada, que não quer mudança nem de hierarquias, nem de poderes.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, p. 8). A paisagem é a tristeza de ter somente a seca em vista, as aves que ainda têm são aquelas que dependem de restos para viver, uma paisagem com ausência até de dono.

Podemos conhecer como se forma um determinado local pela descrição da paisagem, a identificação de um povo e sua cultura, seus problemas, seu espaço. O paisagístico não é apenas uma apresentação do que o autor de um texto literário pode descrever do espaço que vê e observa, é mais do que isso, pode ser um meio no qual representa dada situação e que localiza uma sociedade com suas características. Dessa forma, partimos para uma impressão sentida nas leituras cabralinas.

2.3 IMPRESSÕES CABRALINAS E DO LEITOR

João Cabral de Melo Neto se caracteriza por sua veemência e criatividade em construir suas narrativas; o que chama atenção em especial, no caso dos poemas estudados, é uma maneira que encontrou para descrever o povo, o rio e o Nordeste. Como observa Rocha, dizendo que o poeta “[...] se dispôs a considerar fenomenologicamente sua própria conduta, oferece um material de base para a poética lançar-se na constituição de uma antropologia que tem como objeto a criatividade humana.” (2011, p. 107). A conduta a ser mantida por ele utiliza sua própria experiência vivida para construir toda sua poética com um rigor formal, voltada para uma temática na qual obtenha resultados visíveis por ele próprio e por seus leitores. Segundo Cardoso, as impressões cabralinas nas obras são percebidas pelo leitor devido ao poeta se utilizar de uma linguagem literária na qual identifica uma realidade concreta e ao mesmo tempo metafórica que envolve o leitor durante a leitura:

[...] Perfilamos a racionalidade cabralina à vertente que pretende a organização de um tipo de linguagem literária que corporifica a palavra, a fim de que seja percebida pelo leitor e se encarne como algo que produza uma nova e diferente ordem significativa, isto é, numa perspectiva fenomenológica. Nesse sentido, devemos observar que o ato de corporificar o pensamento como imagem vai além da simples preocupação com o fazer artístico, pois visa a alcançar as sensações dadas pela natureza do objeto. (2007, p. 24).

O poeta tem o cuidado de prender os seus leitores através das imagens que são construídas por entre as palavras utilizadas, busca trazer pela arte uma reflexão da leitura poética e a partir disso desenhar imagens concretas capazes de formarem toda uma cultura produzida. Como comenta Bosi, utiliza instrumentos afiados para passar de uma linguagem autocentrada “para o tratamento da substância natural e humana da sua província, dando em *O cão sem plumas* aquele “salto participante” que viria a ser, nas décadas de 50 e 60, uma exigência ética sentida por toda a cultura Brasileira.” (1994, p. 470). Com a criação artística de *O CÃO SEM PLUMAS* ele dá um grande salto na cultura brasileira, constrói um poema com linguagem real, utilizando para tanto a metafórica, capaz de deixar a história de um rio/homem que vive em caos com a própria maneira de se construir.

Há uma tentativa de buscar no real a combinação certa para a sua criação artística, leva para seus poemas uma temática que incute no leitor alguns meios pelos quais consiga questionar

e recriar novas maneiras de enxergar, de perceber e/ou de recriar a paisagem descrita. Quevedo enfatiza uma interessante assertiva quando diz que é evidente também que uma poesia carregada de “evidências indicativas de uma preocupação em representar a realidade, seja em seus aspectos socioculturais seja em sua realidade física e material, tenha tomado para si a tarefa de deslocar os holofotes da subjetividade para voltá-los sobre a realidade objetiva.” (2011, p. 55). Uma poesia em que representa a realidade concreta de ações socioculturais, colocar o leitor a par de outros termos ligados em uma realidade do ser humano, ele pode encontrar temáticas que o situa no tempo e no espaço dos acontecimentos, um verdadeiro processo histórico.

O poema MORTE E VIDA SEVERINA permeia a cultura popular brasileira, assim como o adjetivo “Severino que tornou-se sinônimo de retirante, representando a imagem do nordeste pobre.” (MARANDOLA; MOTA, 2007, p. 65), de todos os outros Severinos que descem do Sertão para a Zona da Mata, retrata a cultura e as mazelas sociais enfrentadas por todos. O poeta traz para a literatura uma criação artística interessante que relata e condiciona a realidade do Sertão nordestino com a atribuição de um personagem principal, que sai em peregrinação, narrando sua história de retirante. Este na introdução do poema explica ao leitor quem ele é, desenhando sua imagem e a colocando como todos, se igualando: “- O meu nome é Severino, / como não tenho outro de pia. / Como há muitos Severinos, / que é santo de romaria, / deram então de me chamar / Severino de Maria / como há muitos Severinos / com mães chamadas Maria, / fiquei sendo o da Maria / do finado Zacarias.” (MELO NETO, 2012, p. 1).

O poeta usa tanto a palavra ‘Severino’ para dirigir-se ao protagonista quanto para designar adjetivo à maneira de viver dos nordestinos. O narrador que tem por nome Severino tenta inicialmente apresentar-se ao leitor, desenhando-se, mostra que tem respeito por aquele que vai ler sobre sua real condição de vida. João Cabral de Melo Neto propõe uma identificação ao seu personagem e de imediato é possível perceber que não está sozinho, com este nome existem vários outros, tantos iguais a ele, descendentes da mesma gente do Sertão. Atentando-se também com outros poemas para a questão da realidade nordestina, tenta desenhar, ao leitor, em palavras aquilo que ele observa enquanto criador artístico, como afirma Bosi o:

Cão sem plumas (= pelos) é o Capibaribe, rio que carrega os detritos dos sobrados e dos mocambos recifenses, rio que seria também matéria do complexo poema narrativo O Rio ou relação que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife, onde a poesia nasce de um sábio uso do prosaico, do polirrítmico, aderente às flutuações de linguagem coloquial. (1994, p. 470).

Os poemas O CÃO SEM PLUMAS e O RIO trazem uma linguagem coloquial, há uma clareza que facilita a transmissão da temática ao leitor ativo nos detalhes de seus versos. Este é o intuito cabralino, deixar impressões precisas e marcas. Nogueira acrescenta que: “Nascido e criado em Pernambuco, João Cabral de Melo Neto se inscreve literariamente como sujeito de uma sociedade pós-colonial e recém-republicana, com um histórico regional de dificuldades climáticas e econômicas” (2010, p. 35). O poeta narra no tríptico da água o espaço histórico e social do Sertão, em que estão estruturados argumentos para que o leitor consiga apreender nas suas impressões como o poeta pinta essas imagens.

No entanto: “[...] o falar pelo povo do Nordeste é extremamente importante na obra de Cabral, como o provam seus textos que tematizam a miséria nordestina, sobretudo Morte e Vida Severina” (ROCHA, 2011, p. 250). O poeta deixa impresso em suas obras uma temática centralizada, vertical e em especial a que nos interessou neste trabalho, é a que gira em torno da realidade nordestina, verossimilhança. A maneira que ele usa para adequar as suas obras, caracterizar seu trabalho, está descrita por Nogueira assim:

Em consequência, não é menos dura a posição cabralina no que concerne ao alto índice de mortalidade nordestina, quer pela fome, quer pela violência, numa terra onde só morto o cidadão consegue o pedaço de terra suficiente, para cobrir o seu corpo, acossado pelo capanga ou pelo coronel, pela fome e pela falta de água e moradia no sertão ou no litoral, numa época em que ainda não se cogitava de um Ministro do Desenvolvimento Agrário, hoje a conduzir, mesmo com dificuldades, a face oficial da luta do que se chama hoje movimento dos Sem Terra e que nos anos cinquenta correspondiam às Ligas Camponesas, lideradas por Francisco Julião (2010, p.40).

A posição que ocupa João Cabral de Melo Neto com suas obras, com temáticas centradas no viver nordestino para nós é de grande importância, com elas consegue mostrar para toda a população brasileira as condições do homem sertanejo e do Sertão em que ambos submetem as injustiças sociais. Por isso, é muito importante se pensar que: “[...] na medida em

que seus textos que tratam da realidade sertaneja não poderiam veicular entre os próprios sertanejos [...]” (ROCHA, 2011, p. 250). Trazê-los ao mundo seria uma forma de gritar seu povo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre as obras de um poeta tão importante da literatura brasileira como foi João Cabral de Melo Neto é enveredar por uma fonte inesgotável de conhecimentos. Apesar de ter encontrado muitos estudos feitos sobre seus textos e com muita preciosidade, mesmo assim ainda é preciso desvendar seus muitos segredos. São diversos temas que podemos encontrar e que precisam ser explorados na poética cabralina.

Este trabalho trouxe apontamentos sobre a paisagem e a tríade da água do Rio Capibaribe, propondo um diálogo literário/geográfico com as obras aqui apresentadas: O RIO, O CÃO SEM PLUMAS e MORTE E VIDA SEVERINA. Este estudo buscou uma realidade que é enfrentada por muitos ‘Severinos’ até hoje, aqueles desciam para o Recife, atualmente descem para outras partes do Brasil. O percurso feito por Severino ainda é feito por muitas famílias que deixam o Nordeste em busca de sobrevivência em outras cidades, a seca ainda assola o rio e o homem embrenhado na lama pelos destroços da sociedade recifense.

Nesse diálogo entre ficção e realidade, Literatura e Geografia, o poeta se utiliza de suas obras para desenhar as questões sociais do país. O percurso feito por Severino às margens do Rio Capibaribe em Pernambuco. As paisagens secas que expressam a dor e o sofrimento do sertanejo, um meio social a que pertenceu. O poeta que desenha aspectos da paisagem castigada pela seca, com os sonhos de ‘Severinos’ e do próprio Rio Capibaribe de buscarem melhores dias. A sua poética retratou em palavras a seca, a paisagem e o retirante que peregrina pelo Sertão.

É interessante observar que mesmo se tratando de obras com caráter de denúncia social, o poeta abrange também sobre as questões políticas. As palavras de denúncias e as paisagens de seca serviram de ponte para levar ao conhecimento do brasileiro as reais condições em que essa gente viveu e ainda vive. Sentimentos, preferências e indignações deram vida aos personagens usando as cores, as paisagens, as percepções e a água minguada do Rio Capibaribe.

É uma tarefa complexa aprofundar na trajetória dos versos de João Cabral de Melo Neto.

Além disso, compreender, por meio dos seus versos, a sensibilidade que apresenta em traduzir

seus sentimentos e suas experiências sociais e estéticas, além da peculiaridade com que descreve o 'seu' Pernambuco. Sua opção pela literatura como fonte de denúncia transformou vários homens das letras, transpondo novos versos e romances em significativas percepções que a paisagem sofre. Foi, sem dúvida, um dos principais nomes da literatura brasileira, que soube, como ninguém, representar poética e geograficamente o drama dos nordestinos.

4 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Nordeste**: uma paisagem que dói nos olhos e nas mentes. São Paulo: Editora do SESC/São Paulo, 2003 (Cordel).

ALMEIDA, R. D. de. **O espaço geográfico**: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 2000.

ALMEIDA, R. D.; PASSINI, E. Y. **O espaço geográfico**: ensino e representação. São Paulo: Contexto, 2000.

BISPO, M. M. G. Morte e vida severina: uma análise cultural. **Revista Fórum Identidades**, Aracaju, v. 6, p. 189 – 198, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_6/SESSAO_L_FORUM6_05.pdf>. Acesso em: 11/10/2013.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

CÂNDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul. 2006.

CÂNDIDO, A. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva. Digital Source. Disponível em < www.aprenderlivre.com.br>. Acesso em: 12/07/12.

CARDOSO, H. C. S. **A poesia de João Cabral de Melo Neto e as artes espanholas**. Belo Horizonte: Faculdades de Letras, 2007. Disponível em: <http://superdownloadsfulla_carta_de_pero_vaz_de_caminha//.com.br>. Acesso em: 16/07/2012.

FONT, J. N; RUFÍ, J. V. **Geopolítica, identidade e globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

LAJOLO, M. **O que é literatura**. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

LIMA, B. A. Metáfora da água em João Cabral. **Revista de Letras**, Fortaleza, n. 6, jan./dez. 1983.

LIMA, L. C. **Lira e antilira**: Mário, Drummond, Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

MARANDOLA, S.; MOTA, J. **Caminho de morte e vida**: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual Paulista. Rio Claro-SP. 2007.

MARINA, L.; RIGOLIN, T. **Geografia** - série novo ensino médio. São Paulo: Ática, 2002.

MARQUES, A. C. O. **A lição do Nordeste**: severino e boa morte, cabras marcado para morrer. Portugal: FLUP, 2010.

MASCHIO, A. M. J. **A paisagem em Darcy Azambuja**: outras dimensões. 2008. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional) - FACULDADE. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2008.

MELO NETO, J. C. **Morte e vida severina**. Disponível em: <<http://valiteratura.blogspot.com.br/2010/10/morte-e-vida-severina-1956.html>>. Acesso em 14/02/2012.

MELO NETO, J. C. **Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Global, 2003.

MOISÉS, M. História da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1983.

MOREIRA, R. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUEIRA, L. **O cordão encarnado**: uma literatura severina. Recife: Bagaço, 2010.

OLIVEIRA, W. A de. **O Gosto dos extremos**: tensão e dualidade na poesia de João Cabral de Melo Neto, de Pedra do Sono e Andando Sevilha. 2008. 203 f. Tese (Doutorado do Departamento Literária e Literatura comparada) - Faculdade de Filosofia; Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. 2008.

PINTO, M. I. R. Rio/homem: cursos e discursos na poesia de João Cabral de Melo. **Revista Solettras**, São Gonçalo, n. 05 – 06, 2003, p. 176 - 185. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/4468>>. Acesso em 11/10/2013.

QUEVEDO, R. C. **Poéticas da concretude**: poesia e realidade em Augusto dos Anjos, João Cabral de Melo Neto e Aroldo Campos. 2011. 155 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ROCHA, F. J. G. L. **Representação e prática da criação literária na obra de João Cabral de Melo Neto**: análise textual. 2011. 418 f. Tese. (Doutorado em Letras) - Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2011.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. São Paulo: Hucitec, 1988.

VERNIERI, S. **O toque da flauta**: uma leitura de João Cabral de Melo Neto. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

VESENTINI, J. W.; VLACH, V. **Geografia crítica**. São Paulo: Ática, 2002.